



200

200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA.  
**A INDÚSTRIA E O  
FUTURO DO BRASIL.**



Confederação Nacional da Indústria  
**PELO FUTURO DA INDÚSTRIA**



DESENVOLVIMENTO  
ECONÔMICO &  
SUSTENTABILIDADE

# EDUCAÇÃO E SUSTENTABILIDADE COMO VETORES PARA O PROGRESSO ECONÔMICO

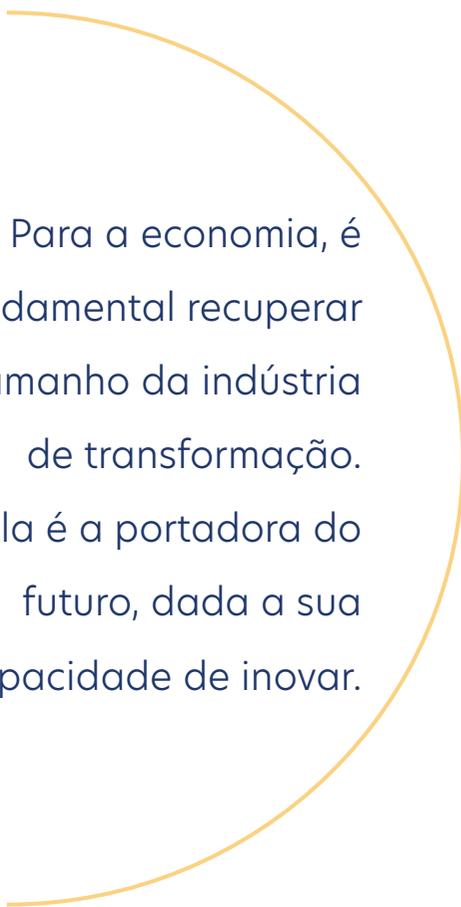


**Josué Gomes da Silva**

*Empresário e presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP)*

No ano do bicentenário da Independência, o Brasil, um dos países que ostentou elevadas taxas de crescimento nos primeiros 80 anos do século passado, perdeu completamente o ritmo. Nas últimas quatro décadas, a indústria de transformação nacional tem encolhido. O setor chegou a ter 27% de participação no PIB, que atualmente representa cerca de 11%. Essa desindustrialização precoce e acelerada é grave para o país devido à capacidade do setor de dinamizar a economia.

Alguns dados comprovam essa importância. A indústria de transformação possui efeito multiplicador de 2,4, ou seja, a cada R\$ 1,00 produzido, são gerados R\$ 2,4 na economia. Além disso, possui efeitos positivos sobre o mercado de trabalho, dado que, além de pagar, em média, maiores salários, possui um grau de formalização maior. A indústria representa 67% dos gastos privados em pesquisa e desenvolvimento, com efeitos que transbordam para outros setores da economia e fortalecem o progresso tecnológico. Uma das razões pelas quais o setor está perdendo participação é o fato de arcar com a maior parcela na arrecadação tributária total, ao redor de 30%, a despeito de representar 11% do PIB.



Para a economia, é fundamental recuperar o tamanho da indústria de transformação. Ela é a portadora do futuro, dada a sua capacidade de inovar.

Para a economia, é fundamental recuperar o tamanho da indústria de transformação. Ela é a portadora do futuro, dada a sua capacidade de inovar. Cabe destacar que, tradicionalmente, a indústria de transformação apresenta uma produtividade potencialmente maior quando comparada com outros setores. Essa relação se deve, principalmente, à intensidade de capital e à presença de economias de escala, que viabilizam a absorção de tecnologia por meio de máquinas e equipamentos,

bem como via transbordamentos tecnológicos para outros setores. Contudo, a produtividade brasileira vem se reduzindo e a indústria está sendo penalizada nesse processo. A produtividade do trabalho no Brasil já foi quase 50% da norte-americana, mas representa, atualmente, menos de 26%. É menor do que a do México e cerca de um terço quando comparada com países europeus.

Reverter esse processo não é uma tarefa fácil, embora os diagnósticos sejam plenamente conhecidos. As federações das indústrias, como a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), e a Confederação Nacional da Indústria (CNI), têm feito um trabalho importante no campo da educação, condição necessária para promover a recuperação do setor. O investimento nessa área é uma emergência nacional, uma vez que, sobretudo no período pós-pandemia, houve forte regressão educacional. Os índices mostram que, a cada 100 alunos que entram no ensino fundamental I na rede pública em São Paulo, menos de 70 concluem o ensino médio até os 19 anos. Dos alunos que terminam o ensino fundamental, menos de 50% possuem aprendizagem adequada em Língua Portuguesa, enquanto no ensino médio esse índice cai para menos de 40%, o que representa um aprendizado insuficiente e desadaptado às necessidades da sociedade e da economia.

Os impactos desse retrocesso não serão resolvidos de imediato. Logo, é preciso avançar na melhoria dos indicadores do ensino médio e uma das melhores alternativas é valorizar, sobretudo, o itinerário profissional tecnológico. Um avanço importante foi verificado a partir da aprovação da Lei do Novo Ensino Médio, a qual passou a incluir a qualificação profissional no currículo. Contudo, o país ainda precisa avançar nesse tema, buscando promover, inclusive, a valorização e a qualificação do corpo docente.

Precisamos reforçar a importância da educação profissional e tecnológica na sociedade, modalidade de ensino que possui a grande vantagem de associar dois direitos fundamentais: o direito à educação e o direito ao trabalho. Em países como Alemanha, Suíça, Áustria e Holanda, cerca de 50% dos alunos do ensino médio também recebem formação profissional tecnológica. Não é por acaso que tais países apresentam os menores índices de desemprego entre os jovens e as maiores taxas de industrialização dos países europeus que fazem parte da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). No caso brasileiro, no entanto, apenas cerca de 10% dos estudantes matriculados no ensino médio têm acesso ao ensino profissional.

## REINDUSTRIALIZAR PARA CRESCER

Ao assumir a presidência da Federação das Indústrias de São Paulo (FIESP), meu principal propósito foi investir em educação, que, a meu ver, é tema prioritário. Para voltar a contar com uma indústria de transformação pujante, indispensável para o país retomar taxas elevadas de crescimento, precisamos nos dedicar a educar nossos jovens com a máxima qualidade. Nessa perspectiva, a boa notícia é que o Brasil já dispõe de instituições como o SESI e o SENAI, que prestam serviços eficientes não só à indústria, mas à toda a sociedade, por meio do fomento a educação de qualidade, inovação e tecnologia, cultura, lazer e esporte. O SENAI pode ajudar os estados a expandirem e modernizarem o ensino profissional no país, de forma articulada com o sistema público.

Para o incremento da produtividade é imperativo, ainda, o fortalecimento do acesso ao crédito. Isso porque máquinas e equipamentos modernos são fatores essenciais para o aumento da produtividade. A partir de uma educação de qualidade e capital da fronteira tecnológica, será possível retomar a expansão do setor e da economia como um todo. Caso contrário, continuaremos a ver a produtividade sendo cada vez mais reduzida.

No mesmo processo, é fundamental implementar mudanças no modelo atual de tributação visando instituir um Imposto sobre Valor Agregado (IVA), amplamente adotado pelas principais economias ao redor do mundo. Esse princípio favorece a isonomia, a transparência e a simplicidade, com efeitos diretos sobre a competitividade das empresas e a segurança jurídica.

Temos também amplas possibilidades de sermos líderes em economia verde. As autoridades estrangeiras compreendem que o setor privado faz sua parte, sabem que as empresas brasileiras cuidam do meio ambiente e que apenas alguns casos isolados, ao arripio da lei, acabam prejudicando nossa imagem. O setor pode avançar ainda mais nesse campo. A maneira de reindustrializar o Brasil é descarbonizando a economia, o que vem sendo feito por outras nações. O país deve abraçar essa alternativa, pois trata-se de uma oportunidade de desenvolvimento e de sermos líderes mundiais nessas tecnologias, como já ocorre com o etanol e outros biocombustíveis. Podemos exportar diversos produtos de valor agregado para crescer e promover a reindustrialização. Esse processo deve ser conduzido com o desenho de políticas industriais modernas, priorizando o progresso tecnológico e a transição para uma economia de baixo carbono.

Precisamos reforçar a importância da educação profissional e tecnológica na sociedade, modalidade de ensino que possui a grande vantagem de associar dois direitos fundamentais: o direito à educação e o direito ao trabalho.

O bicentenário da Independência é uma data que tem de ser lembrada, comemorada e, ao mesmo tempo, analisada com um olhar para a frente, para que os próximos 200 anos contemplem uma trajetória de crescimento sustentado. Os investimentos convertidos hoje serão a base para a estrutura produtiva e a inserção da economia brasileira nas cadeias globais de valor no futuro.

## FÓRMULA PARA O PROGRESSO

**Josué Gomes da Silva** constata a baixa produtividade da indústria nacional, quando comparada à de outros países; alerta que essa é uma das causas da baixa renda social e de sua má distribuição, que dificultam o enfrentamento da pobreza; e aponta o descuido com a educação como a principal causa da baixa produtividade e suas consequências.

Ele é corretamente enfático ao explicitar a importância da reindustrialização do Brasil, com elevação na produtividade, para servir de base à retomada do crescimento. A indústria é o setor de maior efeito multiplicador e a maior responsável por investimentos privados em pesquisa e desenvolvimento. Uma política fiscal eficiente é fundamental para promover a reindustrialização, aproveitando a janela de oportunidade que surge com as exigências mundiais de economia verde.

O líder empresarial conclui que a educação deve ser a grande prioridade nas próximas décadas, especialmente na área de educação profissional e tecnológica. Para tanto, lembra o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo SESI e pelo SENAI na qualificação de trabalhadores e na formação de jovens.

O Brasil foi o país que mais cresceu durante o período do chamado “milagre econômico” (1968-1973), apesar do descuido com a educação. Isso faz com que seja difícil convencer a população sobre a importância de se investir nessa área e sobre a necessidade de priorizá-la, como condição sine qua non para o progresso. As palavras enfáticas do presidente da FIESP trazem a esperança de que o nosso país, finalmente, possa despertar para o fato de que o principal vetor para o desenvolvimento econômico e a justiça social será a implantação de um sistema educacional de qualidade e equânime no país.

Josué Gomes da Silva defende, também, que o Brasil tenha um irrevogável compromisso com a sustentabilidade ambiental que, na sua visão, é o caminho mais eficaz para reverter o processo de desindustrialização que, há algum tempo, assola o país. Ao unir educação e sustentabilidade como o binômio para o progresso futuro do Brasil, ele nos oferece uma visão nova, moderna, e um desafio lúcido para nosso terceiro século de independência, que ora se inicia.



Confederação Nacional da Indústria  
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA